

# Feminismo *artsy*

Acaba de ser inaugurada em Paris uma exposição que reúne obras de algumas das colecionadoras de arte mais poderosas do mundo. Conheça as principais delas

por **Adriana Ferreira Silva**  
fotos **Autumn Sonnichsen**

A escritora norte-americana Gertrude Stein dizia que preferia comprar quadros a vestidos. A italiana Miuccia Prada cria belíssimos vestidos, mas dedica seu tempo livre a pensar em fundações artísticas fabulosas. As colecionadoras de obras de arte costumam dizer que a atividade é tão viciante quanto um closet cheio. “Quando compro uma peça sinto a mesma emoção da primeira aquisição. Jamais encontrei nada como isso”, afirma a francesa Pascale Cayla, 50 anos. Colecionadora, dona de uma agência de comunicação e da galeria de arte La Vitrine<sup>am</sup>, em Paris, ela decidiu homenagear mulheres que, como ela, têm a casa repleta de quadros, esculturas e instalações.

O resultado é a exposição *Femmes de Tête Femmes Esthètes* (“mulheres de poder, mulheres estetas”), que, até 11 de dezembro, traça um panorama da arte contemporânea por meio de obras de 12 das empresárias e executivas mais influentes do planeta – a segunda edição está programada para 2016.

Estão expostos trabalhos feministas como as aquarelas da inglesa Margaret Harrison, que representam pin-ups de lingerie presas entre pães, como um sanduíche, ou o retrato de uma muçulmana morta, segurando uma arma, clicado pela iraniana Shirin Neshat.

Minoria no *métier* – na França, homens são 73% dos colecionadores –, elas não costumam propagandear seus feitos. “As mulheres que assumem cargos de liderança criam um muro em torno da vida pessoal”, afirma a curadora. Aqui, derrubamos a muralha.

## Pascale, a empresária pioneira

**P**ascale Cayla é a idealizadora da exposição das colecionadoras. Criada em meio aos objetos de design do pai e vestidos da mãe – diretora da primeira loja da grife francesa Sonia Rykiel em Paris –, ela ama trabalhar com arte. “Aos 25 anos, me apaixonei por um quadro pós-cubista do [pintor francês] Andre Lhote e usei todas as minhas economias para comprá-lo. Comecei, então, a passar dias em Drouot [área de vendas parisiense] ou estudando o tema.”

O que mais atraía Pascale era o convívio com os criadores. “Criei um clube para dar suporte aos artistas, que viraram amigos”, diz. Ao lado da irmã, Virginie Epry, abriu uma agência de comunicação que une empresas a artistas, e depois a La Vitrine<sup>am</sup>, onde realiza exposições. Pascale, ela própria colecionadora, reserva uma verba apenas para apoiar museus, criadores ou comprar trabalhos, que guarda em casa (foto). A escultura hiper-realista de uma mulher, feita pelo japonês Tomotaka Yasui, é uma delas. “Negociamos por seis meses. Quando compramos, convivemos com Tomotaka três dias, tempo que ele levou para montá-la. A escultura se tornou mais um personagem da família”, diz, aos risos.





## Isabelle, a colecionadora independente

**A** francesa Isabelle Capron, 56 anos, presidente da grife de moda chinesa Icicle, cresceu cercada pelas artes. Sua família, de origem armênia, a envolveu no ambiente. “Meu pai coleciona pinturas pós-impressionistas. Minha mãe era ligada à moda porque minha avó era dona da mais importante casa de alta-costura de Beirute, no Líbano.” Aos 14 anos, Isabelle viveu o que hoje chama de seu primeiro “choque estético emocional”, em uma mostra do pintor norte-americano Mark Rothko, no Museu de Arte Moderna de Paris. Mas foi aos 30, ao comprar sua primeira obra, um conjunto de telas do francês Antoine Perrot, que ela concluiu que ser colecionadora era uma conquista feminina. “A obra era cara e lembro como se fosse hoje do momento em que assinei o cheque”, descreve.

O prazer em se presentear com pinturas persiste. Ela ainda se vale da regra do “amor à primeira vista” para ampliar sua coleção de cerca de 30 obras. Profissional de sucesso, galgou altos cargos no ramo da publicidade, cuidando da imagem de grifes como a francesa Lanvin. Até que, aos 44 anos, largou a vida corporativa quando um chefe a preteriu por um homem no processo de sucessão. “Não pude aceitar a decisão e me submeter a esse homem. Nunca passei por isso no mundo das artes”, afirma Isabelle.



## Patricia, a CEO discreta

**U**ma lembrança marcante da francesa Patricia Barbizet, 60 anos, é a de um passeio com a mãe ao Museu do Louvre, em Paris, no qual se sentiu, pela primeira vez, arrebatada por duas obras: a *Monalisa* (de Leonardo da Vinci), “que, para uma criança, possui um olhar fascinante”, e *Um Enterro em Ornans*, de Gustave Courbet, hoje no Museu D’Orsay. “Parte da minha família é de Ornans e achei que o quadro era um pouco meu.” Filha de um produtor de cinema e de uma pintora, ela também cresceu no meio. “Meus irmãos se tornaram artistas. Sou a exceção”, diz Patricia, que é diretora-geral do grupo Artémis, acionário do grupo Kering – dono das grifes Saint Laurent e Balenciaga – e ainda atua como CEO da casa de leilões Christie’s. Para ela, ser colecionadora é reflexo da autonomia feminina em todos os domínios. “Felizmente, existem cada vez mais mulheres colecionando arte.”

## Catherine, *a executiva aventureira*

**d**esde que se tornou presidente da grife francesa Paule Ka, em fevereiro de 2015, Catherine Vautrin é citada como uma das mulheres mais poderosas do prêt-à-porter. A marca que comanda tem uma rentabilidade de 50 milhões de euros, graças aos seus 475 pontos de vendas e 60 lojas, em 56 países. A advogada de 55 anos, que ocupou cargos de liderança em casas como Louis Vuitton, Cerruti e Emilio Pucci, é uma das pioneiras no *métier*, ainda dominado por homens.

O envolvimento com a arte contemporânea é resultado de uma aventura na qual Catherine embarcou aos 40 anos. Divorciada e com dois filhos pequenos, ela trocou Paris por Florença, na Itália, para assumir a direção da Emilio Pucci. “A Pucci estava reduzida ao status de pequena marca. Era preciso fazer tudo”, conta. Foi então que conheceu seu atual marido, o arquiteto italiano Tiziano Vudafieri, que contratou para desenhar as lojas da grife. “Precisava de alguém talentoso, ele rapidamente ultrapassou os limites de seu ‘mandato’ original”, brinca Catherine.

Foi ele quem despertou sua paixão pela arte. A primeira compra que fizeram juntos foi a de quatro fotografias representando Veneza de maneira irônica, de autoria do grupo austríaco Gellitin. Ao lado do marido, Catherine percorre galerias, feiras e

museus europeus em busca de novidades para sua coleção, que soma 150 peças, entre pinturas, esculturas, vídeos e instalações, divididas entre a bela casa da família, em Milão, e um apartamento no centro de Paris. “Temos obras de arte por todos os cantos. Adorariamos colocar uma instalação musical, feita pela [britânica] Susan Philipsz no jardim, em Milão, mas não sabemos muito bem como será a reação dos vizinhos...”

Além de decorar o lar com os trabalhos, a dupla também os empresta para exposições e exhibe parte do acervo em dois restaurantes que possui em parceria com amigos, na cidade onde vivem. “Não compramos artistas superfamosos. Amamos fazer descobertas”, resume Catherine.

Seja em dupla, seja num périplo solitário, todas essas colecionadoras encontraram nas artes inspiração e poesia para atuar com firmeza em suas profissões. “A arte é uma forma de expressão de vida”, acredita Catherine. “Às vezes, ela é espetacular. Noutras, conceitual, emocionante ou questionadora. Ela faz parte da vida mais do que a transforma.” ■

